

A minha tradução, a antropologia *dela*: deixando “marcas livres” em Anne Carson¹

Mariana Perelló Lopes de Azevedo*

*E se você ficar à deriva na cidade onde pêra e inverno são variantes
um do outro? Tem como comer o inverno? Não. Tem como viver seis
meses dentro de uma pêra congelada? Não. Mas existe um lugar,
conheço esse lugar, onde você ficará de pé e verá pêra e inverno lado
a lado.*²

Plainwater, Anne Carson

*Pegue palavras de duas medidas e pressione-as juntas como lábios de
uma ferida.*³

Plainwater, Anne Carson

Anne Carson é amante dos métodos. Dos ardis. Dos erros. Das marcas livres. Qualquer que seja a metodologia pela qual escolhe deslizar, a escritora canadense calcula seus desvios com minúcia e liberdade de quem pensa criando categorias e cria pensando-as. Como tradutora, não há quem duvide de que tenha consolidado sua reputação com as inúmeras traduções estranhas e experimentais que mesclam elementos do contemporâneo a

¹ Este artigo recupera discussões levantadas na minha dissertação de mestrado “Um mapa peregrino para Anne Carson: algumas entradas em água corrente”, defendida no ano de 2025 pelo Programa de Pós-Graduação Literatura, Cultura e Contemporaneidade da PUC-Rio.

*PUC-Rio

² No original: “What if you get stranded in the town where pears and winter are variants for one another? Can you eat winter? No. Can you live six months inside a frozen pear? No. But there is a place, I know the place, where you will stand and see pear and winter side by side.”

³ No original: “Take two-measure words and press them together like lips of a wound.”

textos clássicos de tragediógrafos gregos, como Eurípides, Sófocles, Ésquilo etc., provando seu desprendimento da ideia de que traduzir consiste no exercício de verter, com integridade e justeza em relação ao texto original, informações de uma para outra língua. Por exemplo, quando se reporta à peça *Helena* (412 a.C.), de Eurípides, escolhe fazê-lo unindo-a, com o artil de uma nuvem, à história de outra personalidade mais contemporânea, não menos bela nem menos difamada, Marilyn Monroe. Do encontro das narrativas, sai a peça *Norma Jeane Baker of Troy* (2019), que carrega o nome de nascimento da estrela do cinema americano mesclado à cidade de Tróia, sangrento destino de Helena.

Diante de sua obra tão esquivada, que se propõe ir a um só tempo lá e cá, seus leitores questionam qual matemática orientaria tais justaposições apresentadas nos seus experimentos textuais. No início do texto “Cassandra Float Can”, em que faz menção à história da personagem grega Cassandra, ela mesma confessa a tarefa de uma vida de pensamento, informando que suas aflições criativas sempre giram em torno da ideia de tradução.

Às vezes, sinto que passo a vida toda reescrevendo a mesma página. É uma página com “Ensaio sobre tradução” no cabeçalho e, em seguida, alguns bons parágrafos em prosa, sólidos. Lá pelo meio da página esses parágrafos começam a se degradar. A sintaxe se deteriora. Aparecem perfurações. No final não resta muito além de uns flocos de linguagem vagando perto das margens, como se quisessem se tornar uma arte de pura forma. (CARSON, 2016, n.p.)⁴

Se é verdade o que ela afirma, cabe investigar mais a fundo a presença da tradução não só como prática mas como tropo de alta importância em sua poética. No texto “Um poema como nota de tradução n’*As bacantes* de Anne Carson”, Helena Martins e Paulo Henriques Britto recorrem ao mesmo trecho para apontar a catástrofe orientadora do gesto de Carson, que, embora

⁴ Traduzido por Helena Martins e Paulo Henriques Britto (2024, p. 4) em artigo “Um poema como nota de tradução n’*As bacantes* de Anne Carson”. No original: “Sometimes I feel I spend my whole life rewriting the same page. It is a page with “Essay on Translation” at the top and then quite a few paragraphs of good strong prose. These begin to break down toward the middle of the page. Syntax decays. Perforations appear. By the end there is not much left but a few flakes of language roaming near the margins, looking as if they want to become an art of pure shape.”



tenha traduções mais convencionais, devolve-nos com frequência algo que não se assemelha ao que estamos habituados a entender como tradução.

Carson anuncia traduções, mas nos oferece outra coisa (o quê?). O gesto de Carson sem dúvida evoca essa contradição, diríamos mesmo que a teatraliza. Acreditamos, por outro lado, que a afronta ao que costumamos chamar de “tradução” não vem nesse caso (apenas) para afirmar o desvio que confirma a norma – é também um convite à imaginação de outras maneiras de conceber e praticar a atividade tradutória. [...] Que pensamentos da tradução tomariam corpo nestes gestos experimentais? (BRITTO; MARTINS, 2024, p. 3)

Os autores comentam as excentricidades da escritora trazendo o caso específico do poema “Eu queria ser dois cachorros aí eu podia brincar comigo (nota da tradutora sobre *As bacantes* de Eurípedes)”, introdutório à sua tradução da peça grega. Entendem que, no caso desse poema, apresentado como nota, a catastrofização está no gesto de inserir um pré-texto — que se afina à peça original, ao mesmo tempo que recorre a Sigmund Freud, Stephen Hawking — para colocar em questão a ideia de começo. Em acenos como esse, argumentam que Carson vem para perturbar os limites, cada vez mais porosos, que diferenciam tradução e paratexto (2024, p. 5).

Partindo do posicionamento de que sua escrita sempre se reporta à prática tradutória, parece pertinente buscar sulcos metafóricos desse indício em textos em que ela diz estar oferecendo outra coisa. Modifico um pouco a pergunta: quais pensamentos sobre tradução poderiam tomar corpo em um texto em que ela diz estar fazendo antropologia, por exemplo? E acrescentar mais uma: como pensar o par metafórico tradução e antropologia, tomando para mim um gesto à maneira de Anne Carson? Encontramos um caminho no texto introdutório “Note on Method” de *Economy of the Unlost (Reading Simonides of Keos with Paul Celan)* (1999), em que ela abre o jogo sobre o veio de sua estratégia naquele livro.

A atenção é uma tarefa que compartilhamos, você e eu. Manter a atenção firme significa não deixar que ela se acomode. Em parte por essa razão, escolhi falar sobre dois homens ao mesmo tempo. Um evita que o outro se acomode. Movendo-se sem

se acomodarem, estão lado a lado em uma conversa e, ainda assim, nenhuma conversa acontece. Frente a frente, mas não se conhecem, não viveram na mesma época, nunca falaram a mesma língua. Com e contra, alinhados e adversos, cada um é colocado como uma superfície sobre a qual o outro pode se destacar. Às vezes, você pode ver um objeto celestial melhor ao olhar para outra coisa, junto dele, no céu. (CARSON, 1999, viii)⁵

Desejando promover um encontro impossível e comprometido com suas “estranhas parcerias”, a proposta de Carson é a de uma leitura mútua e simultânea de dois escritores substantivamente apartados no tempo e no espaço, para que se possa pensar assim uma economia da poesia.⁶ Tal ardil de justapor pares distintos é um dos caminhos para se instigar uma forma estereoscópica de imaginação, que divide a mente em duas, fazendo-nos vislumbrar ideias frescas e com isso aprender algo de novo acerca do assunto em questão (CARSON, 1986). É o que vemos Helena Martins esclarecer no artigo “Paul Valéry e Anne Carson: em torno do que não existe” (2023).

As aproximações inusitadas que Carson faz entre estranhos como Kant e Monica Vittti ou Hopper e Agostinho manifestam a mesma lógica erótica dos trocadilhos e congêneres. Ao projetar semelhança sobre a diferença, acendem uma forma estereoscópica de imaginação, mantendo os estranhos ligados intimamente por aquilo que os separa. Oferecem, assim, vislumbres que se dão apenas no acontecimento impacificável da relação provisória que instauram. (MARTINS, 2023, p. 223)

⁵ São minhas as traduções sem outra indicação. No original: “Attention is a task we share, you and I. To keep attention strong means to keep it from settling. Partly for this reason I have chosen to talk about two men at once. They keep each other from settling. Moving and not settling, they are side by side in a conversation and yet no conversation takes place. Face to face, yet they do not know one another, did not live in the same era, never spoke the same language. With and against, aligned and adverse, each is placed like a surface on which the other may come into focus. Sometimes you can see a celestial object better by looking at something else, with it, in the sky.”

⁶ O termo “parcerias estranhas” é emprestado por Helena Martins que, em 2024, ministrou uma disciplina no Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da PUC-Rio, que ganhou como apelido o nome “Parcerias estranhas em Anne Carson”. A intenção da disciplina se voltava para o estudo do ardil de Carson de promover aproximações entre estranhos: por exemplo, entre a escritora inglesa do século XX e o historiador grego do século V a. C. no ensaio “Tempo comum: Virgínia Woolf e Tucídides sobre a guerra”.

Diríamos, então, que o método carsônico é direcionado pela vontade de aproximar incongruentes — autores, culturas, línguas, gêneros, palavras, sons —, instaurando uma ligação temporária entre estranhos, prestes a se tocar, uma vez acomodados cada um numa “superfície sobre a qual o outro pode se destacar”.⁷ Isso se alcança buscando um lugar, um lugar muito misterioso, onde podemos encontrar a *minha* tradução e a antropologia *dela* lado a lado, à beira de se fundir (e, como é próprio de Eros, sempre condenadas à beira).

A operação erótica se assemelha ao funcionamento da metáfora, elaborado, em sua tese *Eros: the Bittersweet* (1986), a partir da definição de Aristóteles na *Retórica*: “Nomear coisas que não têm nome por meio de transferência [*metaphora*] a partir de coisas aparentadas ou semelhantes em aparência” (CARSON, 2022, p. 110). O que se segue é uma explanação sobre como o sentido metafórico funciona por meio de uma “impertinência semântica”, de um procedimento de “violação do código de pertinência ou relevância que rege a atribuição de predicados no uso comum da língua” (p. 111). A violação típica de eros trama o inesperado num movimento mental de aproximação e afastamento, de parentesco e diferenciação, de justaposição e deslocamento.

Acontece na mente uma mudança ou deslocamento de distância, que Aristóteles chama de *epiphora* (Poet. 21.1457b7), que aproxima duas coisas heterogêneas afim de revelar o parentesco entre elas. A inovação da metáfora acontece nesse deslocamento de distância, de longe para perto, e é afetada pela imaginação. Um ato virtuoso de imaginação aproxima as duas coisas, enxerga sua incongruência, então enxerga também uma nova congruência, enquanto continua reconhecendo a incongruência anterior através da nova congruência. (CARSON, 2022, p. 111)

Se trago, de pronto, um pensamento sobre método e sobre metáfora, é para voltar-me para a relação entre o par “tradução” e “antropologia” na poética da escritora. Buscando um inesperado nesse ângulo preciso,

⁷ Atribuo essa adjetivação a Luiza Leite, que, na banca da minha defesa, usou a expressão “carsônico” com a nota de alegria que falta ao adjetivo “carsoniano”.

podemos ver linhas se formarem a partir do texto “*The Anthropology of Water*”, última parte de *Plainwater: Essays and Poetry* (1995), em que Carson assume a dianteira do método antropológico, perfurando-o — como acontece com a sua página sempre a ser escrita, em que seu texto, a princípio solidificado em parágrafos, desfaz-se, tornando-se não mais que flocos de linguagem.

Alinhada com Britto e Martins, e traçando o paralelo com o poema-ensaio, a afronta à antropologia também é um convite à imaginação para pensar outras maneiras de conceber atividade. Se ela anuncia uma antropologia, repito a pergunta: ela nos oferece outra coisa (o quê?). E mais: que pensamentos sobre a relação entre tradução e antropologia na poética carsônica podem se tornar visíveis, se considerarmos provisoriamente tais métodos inventivos intercambiáveis? Intencionando alguma devolutiva a essas perguntas, proponho mais adiante um exercício de tradução subversivo com algumas trocas de palavras, para que cheguemos a esse lugar em que podemos ver tais métodos lado a lado na poética de Anne Carson. Por ora, detenho-me em como ela apresenta tal antropologia da água no texto a ser analisado.

i. É uma coisa que não se pode segurar

“*The Anthropology of Water*” é um poema-ensaio apresentado como extenso exercício antropológico, registrado em três diários de viagem com devidas introduções, totalizando sete partes percorridas pela água como matéria e como metáfora.⁸ Nele, a escritora se posiciona como estudiosa: “[b]uscar a pergunta mais simples, os fatos mais óbvios, as portas que ninguém deve fechar, é o que eu entendia por antropologia” (CARSON, 2001, p. 123). Explora, à sua maneira, o que anuncia: uma antropologia da água, elemento oferecido em estado líquido, fugidio, que adequa seu contorno aos recipientes. Empenhada nas perguntas simples e atordoada com suas paixões, oferece-nos anotações de um trabalho emocional guiado

⁸ Os títulos das sete seções no original são: “*Diving: Introduction to the Anthropology of Water*”, “*Thirst: Introduction to Kinds of Water*”, “*Kinds of Water: an Essay on the Road to Compostela*”, “*Very Narrow: Introduction to Just for the Thrill*”, “*Just for the Thrill: an Essay on the Difference Between Women and Men*”, “*The Wishing Jewel: Introduction to Water Margins*”, e “*Water Margins: an Essay on Swimming by My Brother*”.

pelas forças de Eros, elaborando os dados que coleta nos trânsitos por onde se embrenha para que possa ver sua vida de uma nova perspectiva.

Os signos da “água” e da “antropologia” funcionam como filetes no seu texto, afluentes que ela afina ao emular um método próprio de aproximação de “culturas estrangeiras”. O primeiro diário, “Kinds of Water: an Essay on the Road to Compostela”, trata dos registros da peregrinação pela Espanha ao lado de um amigo chamado por ela de “My Cid”.⁹ O segundo “Just for the Thrill: an Essay on the Difference Between Women and Men” é composto pelas anotações de uma viagem de carro, que faz ao lado de um amante antropólogo a quem chama de “the emperor”, com paradas pelas quais acampam na estrada que leva do Canadá aos Estados Unidos. E o terceiro “Water Margins: an Essay on Swimming by My Brother” se refere a um diário, escrito em terceira pessoa por esse que chama de “the swimmer”, de prática ao longo de um lago.¹⁰ Relacionados à pele instável da água que corre escapando por entre nossos dedos, estrangeiros são os muitos universos masculinos com que se relaciona; assim começa, elencando-os um a um:

A Água é uma coisa que não se pode segurar. Como os homens. Eu já tentei. Pai, irmão, amante, melhores amigos, fantasmas famintos, e Deus, um a um escaparam das minhas mãos. Talvez seja assim que deva ser — o que os antropólogos chamam de “risco normal” no encontro com culturas estrangeiras. (CARSON, 2001, p. 117)¹¹

⁹ Confundo deliberadamente o termo “escritora” para referir-me tanto a Anne Carson quanto à voz do poema-ensaio. Para entendermos o quanto Anne Carson trabalha com fatos da própria vida no seu eu poético, é interessante reparar na data de início da viagem, 20 de junho, um dia antes do aniversário da autora, no dia 21 de junho, que é também quando a estrada começa, já na Espanha.

¹⁰ Os diários variam em relação às informações de tempo e espaço que organizam as notas como boias a que escolhemos nos agarrar: o primeiro nos oferece dados sobre dia, mês e local; o segundo, apenas o local, nenhuma data evidenciada; o terceiro, o dia da semana, horário e ocorrência ou não da prática. O nadador, como o título da seção indica, é uma referência a seu irmão Michael, com quem, à época do texto, já não tinha contato há anos. No diário, ela imagina por onde e com quem anda, o que come, o que sonha quando nada.

¹¹ Tradução de Thais Medeiros e Wallace Masuko, disponível em: < <https://rebuspress.wordpress.com/2021/06/23/antropologia-da-agua-de-anne-carson/>>. Acesso em: 08 jun. 2024. No original: “Water is something you cannot hold. Like men. I have tried. Father, brother, lover, true friends, hungry ghosts and God, one by one all took themselves out of my hands. Maybe this is the way it should be — what anthropologists call “normal danger” in the encounter with alien cultures.”

As culturas estrangeiras dos homens marcam sua presença sempre lhe oferecendo o “risco normal” implicado em qualquer crise de contato para Carson: a dissolução do seu próprio *eu*. É uma conversa desprentensiva com um antropólogo que desencadeia os acontecimentos que se seguem. A decisão de colocar o pé na estrada tem a ver com a perda de uma figura masculina primária: seu pai, em progressiva doença do Alzheimer. Depois de visitá-lo no hospital, onde vive por ter perdido “a função de partes do corpo e da mente”, a escritora decide se deslocar para que possa atender à única regra de viagem: “Não volte do mesmo jeito que você foi. Venha de um novo jeito” (CARSON, 2001, p. 123).¹² O impulso de partida vem de uma boa pergunta feita por um desses homens: “Como ver sua própria vida, senão deixando-a?” (p. 122).¹³ As questões que a assombram envolvem a conturbada relação com o pai e sua influência na performance de gênero.

Mas percebi que incomodaria menos se não tivesse gênero. A raiva o deixava tão cansado. Transformei meu corpo em algo tão duro e plano quanto a armadura de Atena. Nenhum segredo sob minha pele, nenhuma gota reveladora no limiar. E descobri — um achado que, na verdade, devo às austeridades da peregrinação — que eu poderia suprimir completamente os fatos naturais da mulher. E assim o fiz. Infelizmente àquela altura sua mente já estava longe demais para que isso lhe importasse. (CARSON, 2001, p. 189)¹⁴

Mesmo anunciada como método logo na abertura do texto, é em “Just for the Thrill” que a referência ao signo da antropologia se adensa e se desdobra mais explicitamente; com o horizonte da investigação mirando nas diferenças entre os gêneros, tópico largamente abordado por esta e por outras ciências. Isso se justifica pela companhia de viagem: um antropólogo, seu “imperador” estudioso das letras clássicas chinesas, amado amante, cuja

¹² No original: “Don’t come back the way you went. Come a new way.”

¹³ No original: “How can you see your life unless you leave it?”

¹⁴ No original: “But I perceived that I could trouble him less if I had no gender. Anger tired him so. I made my body as hard and flat as the armor of Athena. No secrets under my skin, no telltale drops on the threshold. And eventually I found — a discovery due, in fact, to the austerities of pilgrimage — that I could suppress the natural facts of woman all together. I did so. Unfortunately by then his mind was too far gone to care.”

tese se debruça sobre o “concupinato e o conceito de esposa tradicional”. Lições de antropologia e elementos da cultura chinesa se proliferam: língua, sabedoria, religião, costumes e muitos provérbios.

Ele é antropólogo da China, aproveitando a viagem pela América para rever um pouco do chinês clássico. Um idioma que, até onde sei, se resume inteiramente à sabedoria. Por exemplo, *no amor, as mulheres conseguem o que querem; os homens, o que precisam.* (CARSON, 2001, p. 193)¹⁵

Como todas as tolas amantes, deseja se aparentar aos interesses do amado; o seu método antropológico, no entanto, não é obediente à disciplina, transbordando pelas margens, com anotações cheias de erros, intuições e lampejos de memória — sobretudo no que diz respeito à sua relação com o seu pai. Se a escritora diz intencionalmente navegar pelos traços distintivos entre os gêneros e seus efeitos na sociedade, no que ela acaba por elaborar, o que salta é o desejo de encontrar afinidades com as culturas estrangeiras com que topa no caminho — um vaivém entre parentesco presentido e estranhamento insuperável. Não surpreende que, no que ela chama de uma abordagem antropológica do amor, as conclusões só possam resultar em mais reservas de mistério, já que seres humanos apaixonados perdem qualquer lastro de racionalidade.¹⁶ Embora diga que tudo está muito bem documentado, informações de data e duração da viagem são omitidas, de forma que só ficamos cientes dos locais onde o casal acampa. A trama é cheia de metáforas. Quando se embaraça com o mapa, já não são mais que uma tribo perdida — “os meus fatos escorregam pela linguagem como um vislumbre da tribo perdida” (CARSON, 2001, p. 202). O que nomeia como “aquele momento de pura antropologia” se dá no instante inaugural e irrepetível das primeiras impressões de lugares, de pessoas, pulsando a estranheza mais estrangeira possível.

¹⁵No original: “He is an anthropologist of China, using this trip across America to study up on classical Chinese. A language consisting, so far as I can judge, entirely of wisdom. For example, *In love women get what they want, men what they need.*”

¹⁶No segundo diário, o trajeto da viagem de carro é rumo a Los Angeles, cidade dos sonhos do seu antropólogo; e o que nos parece mais uma história de amor vem embalada pelo que toca no rádio e invade seus pensamentos e suas anotações: justo a experiência da estrada.

[O] viajante, de vez em quando, chega a um lugar que tem certeza de que é aquele que procurava, sem a menor sombra de dúvida, sem nunca tê-lo visto antes. Ele entra. A princípio, lá dentro tudo está tão saturado de estranheza que é difícil respirar — mas veja agora: já seca pelas bordas como água de chuva nos ventos de março, e ele de fato nunca mais conseguirá recuperar aquela brancura em que o viu pela primeira vez, a cirurgia do primeiro olhar. Aquele momento de pura antropologia. (CARSON, 2001, p. 224)¹⁷

O trecho traz a nota do frisson tão indescritivelmente novo (e erótico) em que desponta a atração pelo outro ainda o mais desconhecido, o mais murado possível, antes mesmo que se disponha de qualquer pista sobre como se aproximar e se aparentar à “cultura estrangeira” encontrada.¹⁸ Segundo a pesquisadora Minna J. Poutanen, em sua tese *Anthropology as Metaphor for Knowing in Anne Carson’s Poetry* (1998), o tropo da antropologia está enredado na poética de Carson como uma metáfora que tanto descreve o estudo de culturas quanto se estende ao das “culturas estrangeiras” de almas humanas ou textos. A pesquisadora recorre a um trecho de *As ondas* (1931), de Virginia Woolf.

Quão curiosamente somos transformados pelo acréscimo, até mesmo à distância, de um amigo. Quão útil é o serviço que nossos amigos nos prestam quando se lembram de nós. Contudo quão doloroso é sermos lembrados, mitigados, termos nosso eu adulterado, misturado, se tornado parte de um outro. À medida que ele se aproxima torno-me não eu mesmo, mas [eu mesmo] misturado com alguém — com quem?

¹⁷ No original: “the traveler, once in a long while, comes to a place he is sure, without a doubt in his mind, never having seen it before, is the one he was seeking. He enters. At first everything inside is so saturated with strangeness it is hard to breathe—but look now: already it is drying in from the edges like rainwater in the March wind and he will in fact never after be able to recover that blankness in which he saw it first, the surgery of first look. That moment of pure anthropology.”

¹⁸ Ela continua com o registro, entrecortado por trechos da canção *My First Impression of You*, na voz da cantora americana Billie Holiday. “*My first impression of you, a storm-dark night, crowded cocktail party, Billie Holiday on the radio. Sitting straight-backed on a straight-backed chair, the long white hands crossed at the wrist. Good he is homosexual, I thought and began to talk to him about inks. Was so indescribably new*” (Carson, 2001, p. 224).

(WOOLF, 2021, p. 100)¹⁹

A epígrafe de Woolf, trazida por Poutanen, elucida o que está em questão no uso da palavra para Carson: sob as circunstâncias de Eros, que qualquer fronteira confunde, as alterações que o *eu* sofre quando se enlaça com o outro funcionam numa via de mão dupla.²⁰ Referindo-se à última parte de *Plainwater*, Poutanen faz sua análise de que o encontro, para Carson, implica a liquidez das fronteiras pessoais, que se dissolvem e confundem, fazendo com que você se perca de seu próprio eixo.

A narradora simboliza o encontro por meio da perda da autoconsciência e da razão; o encontro não apenas nos descentraliza, mas também “nos arrasta para fora de [nossa] própria língua e costumes” [...], e “para dentro de uma língua que não é nossa” [...]. (POUTANEN, 1998, p. 22)²¹

Seguindo a observação de Poutanen de que Carson concebe a antropologia como uma metáfora também para o encontro entre leitor e texto, sobreponho a essa cena a cena de um tradutor diante de um texto concentrado em sua tarefa. Ambas nos deslocam para fora de nossa língua e de nossos hábitos, revelando algo que não previmos sobre aquilo que havíamos suposto nos era próprio.

¹⁹ Trecho traduzido por Tomaz Tadeu, modificado por mim seguindo as alterações de Poutanen. No original: “How curiously one is changed by the addition, even at a distance, of a friend. How useful. an office one’s friends perform when they recall us. Yet how painful to be recalled, to be mitigated, to have one’s self adulterated, mixed up, become part of another. As he approaches I become not myself but [myself] mixed with somebody — with whom? (WOOLF *apud* POUTANEN, 1998, p. 6).”

²⁰ Em “*Just for the Thrill*”, há uma viagem de outro casal, justaposta à da escritora com seu antropólogo, citada logo nos primeiros registros do diário: Lady Cheng e o Imperador Hades da China partem em direção ao Rio Ta’o, junto da corte imperial, “só para ver a paisagem”. Como se o casal representasse os interesses mesclados e invertidos de cada um dos amantes das páginas impressas, ele funciona como *erro essencial* (nos termos de Aristóteles) entranhado na narrativa contada pela escritora. Não há registros de quem foi Lady Cheng, e há de se convir que parece muito pouco provável que um imperador da China se chamasse Hades, nome do deus mitológico grego guardião do inferno. Desenvolvo melhor esse argumento na minha dissertação *Um mapa peregrino para Anne Carson: algumas entradas em água corrente* (2025).

²¹ No original: “The speaker symbolizes the encounter through the loss of self-consciousness and reason; the encounter not only decenters us but “draws us outside [our] own language and customs” (“Very Narrow”, *Plainwater* 190) and “into a language not our own.” (“Kinds of Water”, *Plainwater* 176).

ii. Mordendo a maçã

Louvando seu gesto, que cria um “claro descompasso com a vida mais habituada da palavra tradução” (BRITTO; MARTINS, 2024, p.2), este artigo não deve se eximir de jogar o seu jogo, escolhendo extrapolar o poema-ensaio em questão e traduzir, com alteração deliberada de substantivos, algumas frases sobre a ciência da antropologia. Como quem sugere algo que está atrás da orelha, conluo tentada a refazer a pergunta inicial: que pensamento poderia tomar corpo quando promovemos o contato entre tais metáforas na poética carsônica? Mordo a maçã, deixando uma marca livre na superfície do texto cheio d’água.²²

A tradução é uma ciência de surpresas mútuas. (CARSON, 2001, p. 117)²³

A tradução, como o casamento, é uma atividade cerebral. (*Ibidem*, p. 197)²⁴

Logo antes de sermos infectados inventamos a tradução para abrigar nossos detalhes. Essa ciência do homem, sempre sobre os outros, cujos detalhes são exóticos, nos tranquiliza e ainda abre a possibilidade de nos traduzirmos. (*Ibidem*, p. 223)²⁵

Bem o esclarecimento é inútil mas acho interessante a distinção que os tradutores fazem entre um ponto de vista *êmico* e um ponto de vista *ético*. *Êmico* tem a ver com a perspectiva de um falante da própria língua e *ético* é o ponto de vista de um falante externo que vê a língua em seus próprios termos. Os amantes — me corrija se eu estiver errada — insistem em reunir essas duas perspectivas, uma espécie de dupla exposição. Trazer para dentro bem no fundo do meu coração o limite que deveria

²² A metáfora é uma referência à cena de seu elogio ao intraduzível “Variações sobre o direito de permanecer calado”, traduzido por Sofia Nestrovski em *Sobre aquilo em que eu mais penso*: “Marcas livres são um gesto de raiva. Um dos mitos mais antigos que temos sobre esse gesto é a história de Adão e Eva no jardim do paraíso. Eva muda o rumo da história humana ao fazer uma marca livre na maçã de Adão.” (CARSON, 2023, p. 168).

²³ No original: “Anthropology is a science of mutual surprise.”

²⁴ No original: “Anthropology, like marriage, is an activity of the forebrain.”

²⁵ No original: “Just before becoming infected we invented anthropology to house our details. This science of man, which is always about other people, whose details are exotic, calms us and opens out the further possibility of anthropologizing ourselves.”

marcá-lo por fora: a tua estranheza. Mas mantê-la estranha. (*Ibidem*, p. 223)²⁶

Ouvi dizer que tradutores valorizam aqueles momentos em que uma palavra ou pedaço de linguagem se abre como uma fechadura para a outra língua, um mundo inteiro desconhecido irrompe de uma frase desarranjada. (*Ibidem*, p. 232)²⁷

“Tradutores evitam palavras como perfeito, correto, puro, total, final, último, absoluto”, ele continua, “essas noções de nomes verdadeiros. [...]”. (*Ibidem*, p. 204)²⁸

A série de citações escolhidas levanta o questionamento motivador deste número: onde se encontrariam antropologia e tradução? Mais especificamente: onde as metáforas desses métodos inventivos se encontrariam no pensamento de Anne Carson? Se busco respostas nos trechos acima, encontrar-se-iam na valorização dos detalhes; nas surpresas mútuas entre culturas; na recusa a uma forma final, melhor ou verdadeira; na busca do momento em que a língua estrangeira se abre como um buraco de fechadura; na tentativa de unir perspectivas, a do nativo e a do forasteiro. Ao seu modo erótico, entendemos que, para a escritora, os dois domínios, dos tradutores e dos antropólogos, têm parte com o domínio dos amantes: todos interessados na “dupla-exposição”, em se projetar sobre a superfície alheia, perseguindo a equivalência na diferença — equivalência que jamais poderá ser estabilizada.

Qualquer que seja o caso, Eros (tão eficaz gerador de metáforas) comparece ao encontro e provoca a crise de contato: *entre* línguas na tarefa tradutória; *entre* amantes (em especial, entre homem e mulher) na circunstância amorosa; *entre* culturas estrangeiras no exercício

²⁶ No original: “Well enlightenment is useless but I find interesting the distinction anthropologists make between an emic and an etic point of view. Emic has to do with the perspective of a member of the society itself and etic is the point of view of an outsider seeing the society in his own terms. Lovers— correct me if I’m wrong—insist on bringing the two perspectives together, a sort of double exposure. To draw into the very inside of my heart the limit that was supposed to mark it on the outside, your strangeness. But keep it strange.”

²⁷ No original: “I have heard that anthropologists prize those moments when a word or bit of language opens like a keyhole into another person, a whole alien world roars past in some unarranged phrase.”

²⁸ No original: “Anthropologists avoid such words as perfect, correct, pure, total, final, ultimate, absolute,” he continues, “such notions as true names. [...]”

antropológico; *entre* leitor e texto na leitura; *entre* ideias no pensamento. Atendo-me ao campo tradutório, destaco a preposição “entre”, que, no artigo “Tradução e perspectivismo” (2012), Helena Martins aponta como característica da tarefa. Pode-se ouvir, nas citações transformadas de “The Anthropology of Water”, o eco da noção do tradutor, recuperada por Martins, como “*mestre secreto* da diferença entre línguas”, referência a Blanchot em seu “Traduire” (1971). Ela comenta seu elogio à tradução no artigo:

Segundo o autor [Blanchot], os tradutores, sobretudo aqueles mais dispostos a abraçar e promover esses abalos, estariam especialmente propensos a reconhecer o que há de difícil e arriscado (e impossível?) nessa abertura: tenderiam de fato a viver “uma intimidade, constante, perigosa, admirável [...] com a convicção de que, no fim das contas, traduzir é uma loucura”. (MARTINS, 2012, p. 137)

Não há como sair ileso da “dupla-exposição”: abrir-se “de modo radical à alteridade da língua estrangeira” expõe o tradutor “à experiência potencialmente aterradora de sua própria *decriação*” (MARTINS, 2012, p. 137). A autora retorna ao clássico exemplo de Hölderlin — comentado por Benjamin, Blanchot, Campos, Carson e tantos teóricos contemporâneos da tradução — como o extremo daquele que se entregou perdidamente à tarefa e, nela, encontrou sua vertigem. A conexão entre amor, antropologia e tradução aponta para esse *eu* que, levando-se ao limite, entrega-se para o outro e se dissolve. Em “Variações sobre o direito de permanecer calado”, ensaio sobre a tradução, Carson conecta a noção de “catástrofe” ao que Britto e Martins chamam de uma disposição “benevolente” do intraduzível.

[A] experiência de estar diante de algo que resiste à tradução seria para ela um vetor de pressão sobre a “trama de clichês” que numa língua conforma e limita possibilidades de vida. (BRITTO; MARTINS, 2024, p. 4-5)

Resposta furiosa aos clichês, o gesto catastrófico consiste em “destruir para liberar” — uma destruição que se realiza com a “inscrição violenta do que ela chama de ‘*marcas livres*’” (BRITTO; MARTINS, 2024, p. 5). Nesse

sentido, os trechos alterados são, em sentido estrito e em sentido amplo, representativos dos seus impulsos tradutórios, interessados em ampliar possibilidades de vida. Há surpresas mútuas quando se verte um naco de língua do grego para o inglês, mas também quando se aproxima culturas estrangeiras, quando se transcriba textos clássicos, mesclando-os com elementos e referências contemporâneas, inserindo, recortando e transformando trechos ao seu bel prazer.

É, como Benjamin defende em seu “A tarefa-renúncia do tradutor” (1921), sua forma de escapar das más traduções, surpreendendo o original, fazendo com que ele sirva à tradução (e não a tradução sirva ao original) e continue vivendo. Haroldo de Campos, reportando-se ao ensaio, comenta a inversão, dizendo que a “meta só se deixa vislumbrar através do que [...] cham[a] transcrição, vale dizer, de uma redefinição das formas significantes em convergência e tendendo à mútua complementação” (CAMPOS, 2011, p. 23). Carson também faz referência ao texto de Benjamin no poema “A tarefa do tradutor (de Antígona)”, que introduz *Antigonick* (2012), sua tradução da peça de Sófocles. O procedimento é semelhante ao que Britto e Martins comentam em *As bacantes* de Eurípedes: o poema mais parece uma nota de tradução, que encerra com a assunção da tarefa de “fazer com que [Antígona] nunca perca seus gritos”.²⁹ Como acontece com a metáfora, ao atar diferentes universos num exercício de imaginação estereoscópica, nossa mente se divide em duas (CARSON, 1986).

Reconhecendo que “The Anthropology of Water” está atravessado pela vontade da escritora de ver a vida de um novo ângulo, sobretudo no que diz respeito às relações construídas com o universo masculino, entendemos que o que ela conjura é também uma resposta à trama dos clichês das diferenças entre os gêneros, trazendo a metáfora do signo da antropologia como forma de se aproximar do estrangeiro. O título da introdução que precede “Just for the Thrill”, “Very Narrow”, é indicativo do desejo de que as diferenças sejam um pouco mais estreitas; os pronomes

²⁹ Em 2017, o poema foi traduzido em três versões por Sergio Maciel, Adelaide Ivánova e Ismar Tirelli Neto para a revista *Escamandro*. A citação é referente à tradução de Ivánova. Disponível em: <<https://escamandro.wordpress.com/2017/01/13/3-traducoes-para-o-task-of-the-translator-da-antigonick-de-anne-carson/>>. Acesso em: 07 out. 2025.

possessivos — o *teu* jeito e o *meu* jeito — distinguem o que o desejo confunde.

O homem que falou da minha caminha era uma pessoa quieta, mas fazia boas perguntas. “Suponho que me ame, do teu jeito”, disse a ele certa noite já quase de manhã quando estávamos deitados na caminha. “E de que outro jeito eu te amaria — do teu?”, ele perguntou. Ainda penso sobre isso. (CARSON, 2001, p. 191)³⁰

Uma categoria, *eu*, quer se unir à outra, *tu*. A vontade amorosa, insistente em empreender a transgressão arriscada, busca justamente casar essas duas perspectivas, a minha e a tua. No entanto, algo sempre resiste, suas frases e dados se desarranjam. Apegada ao erro e à catástrofe, Carson valoriza o que, não se deixando capturar, nos condena à beira, ao buraco da fechadura. A resignação de que as consciências permanecerão reciprocamente invisíveis, intraduzíveis umas para as outras, distrai a antropóloga das diretrizes de seu método, que, atordoada, busca esse justo momento em que, no limiar, algo se revela.

Como as exatas marcas livres que ela deixa nos textos de seus intercessores, tentei tramar as minhas próprias, apenas para sugerir como os pontos de contato entre as duas metáforas na poética de Anne Carson remetem a discussões que nenhum tradutor, antropólogo ou amante poderia ignorar como de nosso tempo. Espero, com isso, ter esticado uma linha metafórica da pêra ao inverno, da antropologia à tradução em Anne Carson.

Referências

CAMPOS, Haroldo de. **Da transcrição: poética e semiótica da operação tradutora**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2011.

CARSON, Anne. Variações sobre o direito de permanecer calado. In: _____. **Sobre aquilo em que eu mais penso**. Tradução de Sofia Nestrovski. São Paulo: Editora 34, 2023, p. 153-182.

³⁰ Reproduzo a tradução de Thais Medeiros e Wallace Masuko “caminha” para “very narrow bed” em *Meseta* (2023) — versão de parte de “A antropologia da água”, que inclui a introdução “Mergulho”, em que Carson faz menção à mesma expressão para se referir às caminhas das filhas de Dânao. No original: “The man who named my narrow bed was a quiet person, but he had good questions. “I suppose you do love me, in your way”, I said to him one night close to dawn when we lay on the narrow bed. “And how else should I love you—in your way?” he asked. I am still thinking about that.”



CARSON, Anne. **Eros: o doce-amargo**. Tradução de Julia Raiz. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

CARSON, Anne. Antropologia da Água, de Anne Carson. Tradução de Thaís Medeiros e Wallace Masuko. **Rébus**, 23 jun. 2021. Disponível em: <<https://rebuspress.wordpress.com/2021/06/23/antropologia-da-agua-de-anne-carson/>>. Acesso em: 30 mar. 2025.

CARSON, Anne. **Norma Jeane Baker of Troy**. New York: New Directions Publishing, 2020.

CARSON, Anne. Cassandra Float Can. In: _____. **Float**. London: Jonathan Cape, 2016, n. p.

CARSON, Anne. The Anthropology of Water. In: _____. **Plainwater: Essays and Poetry**. New York: Vintage Books, A Division of Random House, 2001, p. 113-260.

CARSON, Anne. The Life of Towns. In: _____. **Plainwater: Essays and Poetry**. New York: Vintage Books, A Division of Random House, 2001, p. 91-111.

CARSON, Anne. Note on Method. **Economy of the Unlost**. Reading Simonides of Keos with Paul Celan. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1999, p. vii-viii.

CARSON, Anne. **Eros: the Bittersweet**. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1986.

MARTINS, Helena; BRITTO, Paulo Henriques. Um poema como nota de tradução n'As *bacantes* de Anne Carson. **Cadernos de Tradução**, Universidade Federal de Santa Catarina, v. 44, n. 1, n. p., 2024. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ct/a/CjmzLBwmLMf6qVtVmgtp5gS/>>. Acesso em: 28 mar. 2024.

MARTINS, Helena. Paul Valéry e Anne Carson: em torno do que não existe. **O que nos faz pensar**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 53, p. 220-238, jul-dez.2023. DOI: 10.32334/oqnf.2023n53a991.

MARTINS, Helena. Tradução e perspectivismo. **Revista Letras**, Curitiba, n. 85, p. 135-149, jan./jun. 2012. Editora UFPR. ISSN: 0100-0888 (versão impressa); 2236-0999 (versão eletrônica).

POUTANEN, Minna J. **Anthropology as Metaphor for Knowing in Anne Carson's Poetry**. Tese de doutorado, McGill University, Montreal, 1998.

WOOLF, Virginia. **As ondas**. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2001.

Resumo

Este artigo se dispõe a pensar o par “tradução” e “antropologia” como duas metáforas provisoriamente intercambiáveis na poética de Anne Carson. Ressaltando a afinidade da autora com os erros e a sua disposição de promover estereoscopias, usa-se como ponto de partida o poema-ensaio “The Anthropology of Water”, do livro *Plainwater* (1995), para experimentar o efeito de uma tradução que extrapola o texto original na discussão contemporânea sobre a relação entre tradução e antropologia. Deixo “marcas livres” no texto que traçam uma conexão muito estreita entre as tarefas dos tradutores, dos antropólogos e dos amantes no pensamento da escritora.

Palavras-chave

Tradução; antropologia; *Plainwater*; marcas livres; imaginação estereoscópica

Abstract

This article sets out to consider the pair “translation” and “anthropology” as two provisionally interchangeable metaphors within Anne Carson’s poetics. Emphasizing the author’s affinity with mistakes and her inclination to create stereoscopies, it takes as its starting point the poem-essay “The Anthropology of Water”, from *Plainwater* (1995), in order to experiment with the effect of a translation that exceeds the original text in the contemporary discussion on the relationship between translation and anthropology. I leave free marks in the text that draw a very narrow connection among the tasks of translators, anthropologists, and lovers in the writer’s thought.

Keywords

Translation; anthropology; *Plainwater*; free marks; estereoscopic imagination